

"Essa garota é uma delícia!" **Charlaine Harris**



Próximo volume:

CAÇADORES DE TEMPESTADE

GAROTA TEMPESTADE

NICOLE PEELER



Tradução
Ana Beatriz Manier

valentina 

Rio de Janeiro, 2013

1ª Edição

Copyright © 2009 by Nicole Peeler
Publicado mediante contrato com Little, Brown and Company, Nova York.

TÍTULO ORIGINAL
Tempest Rising

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Sharon Tancredi

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Diana Cordeiro

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P421g

Peeler, Nicole, 1978-

Garota tempestade / Nicole Peeler; tradução de Ana Beatriz Manier. – Rio de Janeiro:
Valentina, 2013.

280p.: 23 cm (O estranho mundo de Jane True; 1)

Tradução de: *Tempest rising*
Continua com: *Caçadores de tempestade*

ISBN 978-85-65859-03-5

1. Ficção fantástica americana. I. Manier, Ana Beatriz. II. Título. III. Série.

12-9388.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

*Para minha família,
por ter me dado todas as oportunidades.*

CAPÍTULO

1



Encarei o freezer, tentando decidir o que preparar para o jantar daquela noite. Decisão difícil, uma vez que um visitante desinformado poderia pensar que Martha Stewart não apenas morava conosco como estava se preparando para o apocalipse. Lasanhas congeladas, ensopados, empadões e afins ocupavam o congelador quase até o teto. Finalmente decidindo por sopa de frutos do mar, peguei um pouco de hadoque e mexilhões. Após uma breve batalha interior, aproveitei um filé de salmão e decidi fazer outra sopa para – adivinhou! – colocar no freezer. É, estocar comida ia um pouco mais além do que um simples transtorno compulsivo obsessivo, mas eu me sentia melhor assim. Isso também queria dizer que, quando eu tinha de fato alguma coisa para fazer durante a noite, podia deixar meu pai sozinho sem me sentir muito culpada.

Meu pai não era propriamente um inválido. Mas sofria do coração e precisava de ajuda para cuidar de algumas tarefas, principalmente depois que minha mãe fora embora. Sendo assim, tive de assumir a casa, o que até me deixava feliz. Não que eu tivesse muitas outras obrigações, sendo a ovelha negra da cidade...

É impressionante como ser a ovelha negra nos dá uma grande quantidade de tempo livre.

Depois de colocar as roupas na máquina e limpar o banheiro do primeiro andar, subi para tomar banho. Eu teria adorado passar o dia perambulando



com o sal da água do mar na pele, mas nem mesmo em Rockabill *Eau de Brine* era um perfume aceitável. Como muitas pessoas de vinte e poucos anos, eu havia acordado cedo naquela manhã para me exercitar. No entanto, diferentemente de tantas outras pessoas de vinte e poucos anos, meu exercício matinal consistia em uma hora ou mais de nado no oceano gelado. E em um dos redemoinhos mais letais dos Estados Unidos. Motivo pelo qual tomo tanto cuidado para manter minha natação em segredo. Ela pode ser um ótimo exercício para o coração, mas, provavelmente, me faria queimar na fogueira. Estamos na Nova Inglaterra, afinal de contas.

Quando acabei de vestir meu uniforme de trabalho – calça cáqui de algodão e camisa polo rosa-choque de mangas compridas com um bordado azul-marinho no bolso, que dizia *Morrer de Ler* –, ouvi meu pai sair do quarto e descer a escada, batendo os pés. Como era tarefa dele preparar o café, demorei mais um pouco para passar base, blush e um pouquinho de gloss, antes de pentear meus cabelos negros e molhados. Eu costumava usar uma versão mais comprida – e, admito, mais desarrumada – do que a de Cleópatra, pois gostava de esconder meus olhos escuros debaixo da franja longa. Recentemente, minha Nêmesis, Stuart Gray, se referira a eles como “olhos demoníacos”. Não são exatamente os olhos do Marilyn Manson, graças a Deus, mas até mesmo eu devo admitir que sinto certa dificuldade em determinar onde termina a minha pupila e onde começa a minha íris.

Voltei ao primeiro andar para fazer companhia ao meu pai na cozinha e senti aquela pontada no coração, que às vezes sinto quando percebo o quanto ele mudou. Era pescador, mas precisou se aposentar por invalidez, cerca de dez anos atrás, quando seu coração piorou. Um dia foi um belo homem, forte e confiante, cuja presença preenchia qualquer ambiente em que entrasse, mas sua doença prolongada e o desaparecimento de minha mãe fizeram-no encolher de todas as formas possíveis. Parecia tão franzino e grisalho com aquele roupão surrado, as mãos tão trêmulas por conta dos remédios para o coração, que precisei de todo o meu autocontrole para não forçá-lo a sentar-se e descansar. Mesmo que o corpo não concordasse, ele insistia em ser o homem que fora um dia, e eu sabia que vivia caminhando no limite tênue entre cuidar dele e ameaçar sua dignidade. Assim sendo, abri aquele meu

GAROTA TEMPESTADE

sorriso super-radiante e corri para a cozinha, como se fôssemos pai e filha de algum seriado de tevê dos anos 50.

– Bom-dia, papai! – cumprimentei-o, reluzente.

– Bom-dia, querida. Quer um pouco de café? – Ele me fazia a mesma pergunta todas as manhãs, mesmo a resposta sendo sim desde que eu tinha quinze anos.

– Claro, obrigada. Dormiu bem à noite?

– Ah, dormi, sim. E você? Como foi sua manhã? – Papai nunca me fazia perguntas diretas sobre meu hábito de nadar. Era uma pergunta que ficava implícita pela política do “não te pergunto, não me responde” que reinava na casa. Por exemplo, ele não me fazia perguntas sobre a minha natação, eu não lhe fazia perguntas sobre a mamãe. Ele não me fazia perguntas sobre Jason, eu não lhe fazia perguntas sobre a mamãe. Ele não me fazia perguntas sobre se eu estava ou não feliz em Rockabill, eu não lhe fazia perguntas sobre a mamãe...

– Ah, dormi bem, papai. Obrigada. – É claro que eu não havia dormido bem, já que precisava de apenas umas quatro horas de sono por noite. Mas este era outro assunto sobre o qual nunca falávamos.

Perguntou-me quais eram meus planos para o dia, enquanto eu preparava ovos mexidos com torrada de pão integral. Respondi que trabalharia até as seis e depois passaria no mercado, a caminho de casa. E, como costumava fazer às segundas-feiras, iria de carro para o trabalho. Tínhamos exatamente a mesma rotina todas as semanas, mas era bacana da parte dele agir como se fosse possível eu ter planos novos e estimulantes. Às segundas, eu não precisava me preocupar com a comida dele, já que Trevor McKinley o pegava para fazerem uma baguncinha: almoço regado a pôquer com George Varga, Louis Finch e Joe Covelli. Todos haviam nascido em Rockabill e eram amigos de infância, exceto por Joe, que se mudara para cá, vindo da capital, cerca de vinte anos atrás, para abrir uma oficina. Era assim que as coisas aconteciam em Rockabill. No inverno, quando a maioria dos turistas desaparecia, a cidade ficava cheia de moradores que haviam crescido juntos e que tinham mais intimidade com a roupa suja do outro do que com a própria. Algumas pessoas gostavam dessa intimidade, mas, quando se era mais o objeto do que o sujeito das fofocas, essa intimidade tendia a se parecer com perseguição.



Comemos enquanto dividíamos o jornal da cidade, *The Light House News*. Contudo, como o jornal servia, em grande parte, de veículo de divulgação de interesses turísticos, e os turistas estavam fora por causa das celebrações de fim de ano, as notícias eram poucas. Ainda assim, continuamos a ler, mesmo sem muito interesse. Apesar de tudo, ninguém poderia dizer que a família True não era boa no cumprimento de suas obrigações. Depois do café, separei o monte de remédios de meu pai e os coloquei perto do suco de laranja. Ele me ofereceu um sorriso deslumbrante, a única coisa que não havia mudado com os danos na saúde e no coração.

– Obrigado, Jane – agradeceu. E eu sabia que ele ficava mesmo grato, apesar de eu colocar os remédios perto do suco de laranja todo santo dia, nos últimos doze anos.

Engoli o nó na garganta, uma vez que sabia que grande parte de sua preocupação e de seu sofrimento devia-se a mim, e dei-lhe um beijinho na bochecha. Em seguida, apressei-me para limpar a mesa, reunir minhas tralhas e sair correndo para o trabalho. Segundo minha experiência, fazer as coisas apressadamente é sempre uma ótima maneira de não chorar.

Tracy Gregory, a proprietária da *Morrer de Ler*, já estava trabalhando a todo vapor quando entrei. A família Gregory era uma família de pescadores de Rockabill, e Tracy, sua filha pródiga. Partira para trabalhar em Los Angeles, onde, aparentemente, fora uma figurinista de sucesso no cinema. Digo aparentemente porque nunca nos disse o nome de um único filme em que trabalhou. Retornara a Rockabill cerca de cinco anos atrás para abrir a *Morrer de Ler*, que era a nossa livraria, café, além de local de convergência de turistas na cidade. Desde que o turismo substituía a pesca como indústria mais lucrativa, Rockabill tinha condições de manter uma empresa como a *Morrer de Ler* aberta durante o ano inteiro. No entanto, outros empreendimentos – como o excelente porém inapropriadamente batizado Bar e Churrascaria Bucho Cheio – fechavam durante o inverno.

– Olá, mocinha – Tracy cumprimentou-me bruscamente, quando fechei a porta. Abriríamos em meia hora.

– Oi, Tracy. Grizelda já voltou?

GAROTA TEMPESTADE

Grizelda era a namorada de Tracy, e haviam causado um tremendo tumulto na primeira vez que apareceram juntas em Rockabill. Não apenas eram lésbicas, como tinham o maior jeitão. Os habitantes da pequena vila do Maine jamais engoliriam. Tracy se locomovia como um jogador de rugby e também se vestia como tal. Mas tinha um jeitinho carismático de ser que a ajudara a enfrentar um dos primeiros casos de homofobia deflagrado por seu retorno à sociedade de Rockabill.

Se Tracy era do tipo que fazia os conservadores virarem a cabeça, Grizelda praticamente fazia as cabeças rodarem no estilo *O Exorcista*. Grizelda não era seu nome verdadeiro. Tampouco Xana Xawaska, nome que usara quando fora estrela-pornô. Como Xana Xawaska, Grizelda fora ruiva e tão peituda quanto uma beldade de *SOS Malibu*. Mas, na encarnação atual, como Grizelda Montague, ostentava uma aparência gótica-hippie – embora uma gótica-hippie deliciosamente peituda. Algumas vezes ao ano, Grizelda desaparecia durante semanas ou meses, e, quando retornava, ela e Tracy finalizavam algum grande projeto sobre o qual estivessem discutindo, como redecorar a loja ou construir um solário em sua pequenina casa. Só Deus sabia em que aventura lucrativa ela se metia durante as férias, mas, fosse o que fosse, isso em nada afetava seu relacionamento com Tracy. As duas eram tão unidas quanto qualquer casal hétero em Rockabill, se não fossem ainda mais unidas. E ver o quanto se amavam me fazia pensar em minha própria solidão.

– Já. Grizzie já voltou. Já, já chega aqui. Trouxe um presente para você... Alguma coisa escandalosa, se bem conheço minha amada.

Abri um sorriso.

– Maravilha! Adoro os presentes dela.

Por causa de Grizzie, eu tinha uma gaveta cheia de roupas íntimas das mais audaciosas, brinquedinhos eróticos e livros picantes. Grizzie dava presentes desse tipo em *qualquer* ocasião; pouco importava se era formatura de colégio, bodas de ouro ou batizado. Esta particularidade queria dizer que ela era figura indispensável nas listas de convidados de casamentos desde Rockabill até Eastport. Mas que era figura perigosa em festas de crianças, ah, isso era. A maioria dos pais não apreciava um kit de calcinhas fio dental para cada dia da semana como lembrancinha para as filhas de onze anos. Uma vez, ela me deu



de presente um vale-depilação à moda “Hollywood”, e eu tive que ir ao Google para ver como era. O que descobri me assustou o suficiente para não fazê-la; portanto, o vale está guardado dentro da minha “gaveta proibida”; decidi batizá-la assim como um assunto a ser debatido posteriormente. Não que outra pessoa, alguma vez, tenha tido acesso à “proibida” junto comigo, mas eu falava muito sozinha, e aquele vale-presente, com certeza, seria assunto divertido para minhas conversas tipo *eu consigo mesma*.

Também era bom ter ao alcance dos dedos – sem trocadilho – uma sex shop particular durante longos períodos de abstinência forçada... como os últimos oito anos de minha vida.

– E – continuou Tracy, balançando pesarosamente a cabeça – os presentes dela também amam você. Espero que literalmente.

– É isso mesmo, alguém tem que gostar de mim – respondi, aterrorizada com a inflexão amarga da minha voz.

Mas Tracy, felizmente, apenas me fez um carinho, passando a mão gentil pelos meus cabelos, o que acabou se transformando num abraço sem palavras.

– Tira a mão da minha gata! – gritou uma voz aguda e bem-humorada vinda da porta da frente. Era Grizelda!

– Opa, foi mal – respondi, afastando-me de Tracy.

– Eu quis dizer para *Tracy* tirar as mãos de *você* – disse Grizzie, correndo para me levantar do chão com um abraço apertado, meus seios naturais em contato com suas enormes mamas. Eu odiava ser baixinha em momentos como este. Embora adorasse os um metro e oitenta de Grizzie e tivesse mais afeição do que o normal por seus abraços calorosos, detestava ser agarrada com força.

Ela me colocou no chão e apertou minha mão entre as dela, recuando para me apreciar, enquanto segurava meus dedos na distância do comprimento de seu braço.

– Humm, humm – murmurou, balançando a cabeça. – Mocinha... eu comeria você toda, de uma garfada só.

Ri enquanto Tracy revirava os olhos.

– Pare de assediar sexualmente a funcionária, sua ursa faminta! – foi seu único comentário.

GAROTA TEMPESTADE

– Mais um minutinho e já vou assediar você sexualmente, minha flor de maracujá, mas, agora, quero apreciar a nossa Jane. – Grizelda piscou para mim com seus olhos violeta cintilantes. Usava lentes de contato coloridas, e não pude fazer outra coisa a não ser rir como uma adolescente.

– Eu trouxe um presentinho para você – disse ela, maliciosa.

Bati palmas, empolgada, e comecei a pular numa dança de felicidade.

Eu gostava de verdade dos presentes de Grizzie, mesmo quando eles desafiavam o meu parco conhecimento de anatomia humana passado pela sra. Renault, nas aulas de biologia do ensino médio.

– Feliz aniversário atrasado! – gritou ela, quando me entregou um belo embrulho que retirara de sua bolsa enorme. Admirei o papel preto brilhante e a fita suntuosa de veludo escarlate, amarrada na forma de um laço – Grizzie fazia tudo com estilo – antes de rasgá-lo, empolgada. Depois de cortar com a unha do polegar o durex que mantinha a caixa fechada, logo me vi segurando a mais bela camisola de cetim vermelho que eu já vira na vida. Era de um vermelho-escuro cor de sangue, com base azulada – o vermelho mais perfeito para o meu tom de pele. E era também, claro, do comprimento certo, com uma fenda na lateral que chegava ao meu quadril. Grizzie tinha essa habilidade mágica de sempre comprar peças que serviam perfeitamente. O corpete era bem decotado para o pequeno tamanho, e o bojo assemelhava-se a duas conchas de molusco, que eu sabia que acomodariam meus seios como as mãos daquele famoso retrato de Janet Jackson. As alças eram um pouco mais grossas, para dar suporte, e se cruzavam no decote *bastante* cavado nas costas. Era uma camisola simplesmente maravilhosa, bem adulta e sofisticada, e eu não conseguia parar de acariciar o cetim deliciosamente escorregadio.

– Grizzie – suspirei. – É maravilhosa... mas é demais para mim. Deve ter custado uma fortuna.

– Você vale uma fortuna, minha querida Jane. Além do mais, achei que talvez precisasse de algo bem sensual... uma vez que as “entregas especiais” de Mark já devem ter proporcionado um encontro.

As palavras de Grizzie foram diminuindo de volume assim que minha expressão se entristeceu, e Tracy, atrás de mim, fez um barulho como o de Xena, a Princesa Guerreira, partindo para a batalha.



Antes que Tracy pudesse começar a discorrer sobre todas as formas que gostaria de estripar nosso novo carteiro, eu disse, com muita calma:

– Não vai rolar.

– O que aconteceu? – perguntou Grizzie, assim que Tracy resmungou outro grito de guerra atrás de nós.

– Bem... – comecei, mas por onde começar? Mark era novo em Rockabill, um funcionário do correio dos Estados Unidos, que havia se mudado recentemente para o nosso cantinho no Maine depois de ficar viúvo, com as duas filhas pequenas. Ele começara a se esquecer de entregar cartas e encomendas, precisando de uma segunda, às vezes uma terceira visita diária à nossa livraria. Achei-o gentil, mas um tanto esquecido, até Tracy me dizer que ele só se esquecia de entregar quando eu estava trabalhando.

Então, paqueramos, paqueramos e paqueramos ao longo de um mês. Até que, dias atrás, ele me chamou para sair. Fiquei empolgadíssima. Ele era um fofo, além de novo na cidade; e, assim como eu, havia perdido alguém muito próximo. E era óbvio que não me julgava pelo meu passado.

Vocês sabem o que falam por aí sobre se assumir...

– Até tínhamos um encontro marcado, mas ele cancelou. Acho que me chamou para sair antes de saber... de tudo. Alguém deve ter contado. Ele tem filhos, sabe como é.

– E? – resmungou Grizzie, sua voz fumegante já demonstrando raiva.

– Então ele disse que achava que eu não seria uma influência muito boa. Para as filhas dele.

– Isso é ridiculamente ridículo! – esbravejou Grizzie, enquanto Tracy fazia uma série de ruídos inarticulados atrás de nós. Normalmente, Tracy era a mais calma e mais suave das duas, mas ela quase teve um troço no dia em que telefonei chorando para dizer que Mark tinha me dispensado. Acho que ela teria sido capaz de arrancar a cabeça dele, mas aí nós não teríamos fechado o inventário da livraria.

Baixei a cabeça e encolhi os ombros. Grizzie se aproximou de mim, percebendo que Tracy já havia controlado a raiva.

– Sinto muito, minha querida – disse ela, envolvendo-me em seus longos braços. – É... é uma pena.

GAROTA TEMPESTADE

E era uma pena mesmo. Meus amigos me diziam para seguir em frente, meu pai me dizia para seguir em frente. Droga, não fosse aquela parte pequeninha de mim que ainda se afundava em culpa, *eu* queria seguir em frente. Mas o resto de Rockabill, ao que parecia, não concordava comigo.

Grizzie afastou minha franja dos olhos e, quando percebeu as lágrimas brilhando, interveio à moda Grizelda. Puxando-me como uma dançarina de tango, resmungou, com voz sensual:

– Baby, eu vou te lambuzar todinha... – E depois enterrou a cabeça na minha barriga e me deu uma assoprada ruidosa.

Era exatamente o que eu precisava. Lá estava eu, rindo de novo, agradecendo às estrelas, pela zilionésima vez, por terem trazido Grizzie e Tracy de volta à Rockabill. Eu não sabia o que faria sem elas. Dei um abraço forte em Tracy, como o que dera pelo presente, e o levei para os fundos da loja, junto com as minhas coisas. Abri a caixa para acariciar uma última vez o cetim vermelho e a fechei em seguida com um suspiro de contentamento.

Ficaria simplesmente maravilhosa na minha gaveta proibida.

Tínhamos muito pouca coisa a fazer antes de abrir a loja, o que nos deu um bom tempo para bater papo. Após meia hora de fofoca intensa, havíamos esgotado o cansativo tema “tudo o que aconteceu enquanto você esteve fora” e, quando começávamos a fazer planos para a semana seguinte, o sininho da porta soou. Meu coração ficou pesado quando vi que era Linda Allen, representante voluntária do grupo que me perseguia por questões particulares de preconceito. Ela não era tão má quanto o Stuart Gray, que me odiava ainda mais, contudo, fazia o possível para superá-lo.

E por falar no resto de Rockabill, pensei, assim que Linda foi para a sessão dos romances.

Ela não se deu ao trabalho de falar comigo, é claro. Apenas lançou um de seus olhares penetrantes, que poderia ter me atingido como se saído de um helicóptero militar da Segunda Guerra Mundial. Seus olhares sempre me diziam a mesma coisa. Falavam do fato de eu ser a garota cuja mãe havia surgido do nada, no meio da cidade, *nua*, durante uma tempestade. Do fato de que ela havia *roubado* um dos solteirões mais cobiçados de Rockabill e *arruinado a vida dele*. Do fato de ela ter dado à luz um bebê *sem ser casada* e do fato de *eu ser* este bebê e de ainda piorar a situação por ser *tão estranha quanto*



minha mãe. Essa era só a ponta do iceberg vituperioso que Linda fazia questão de exhibir sempre que tinha oportunidade.

Infelizmente, Linda lia tão compulsivamente quanto eu e por isso a encontrava pelo menos duas vezes ao mês, quando aparecia para levar uma nova pilha de romances. Ela gostava de um estilo de trama bem-definido: do tipo que o pirata raptava a donzela virgem, violentava-a, fazia com que se apaixonasse por ele e depois jogava ao mar um monte de marinheiros enquanto a pobre polia seu cutelo. Ou então romances em que o líder do clã das Highlands escocesas raptava a inglesa virgem de nome Rose, violentava-a e fazia com que se apaixonasse por ele e depois dizimava exércitos inteiros de Sassenachs enquanto ela recheava seus haggis. Ou romances em que um chefe tribal raptava a branca virgem e estrangeira, violentava-a, fazia com que se apaixonasse por ele e depois matava um grupo de colonizadores enquanto ela afiava seu machado. Eu detestava dar uma de Freud para cima de Linda, mas seu padrão de leitura sugeria alguns *insights* interessantes que justificavam o fato de ela ser tão filha da puta.

Tracy atendia um telefonema, enquanto Linda escolhia títulos, e Grizelda estava sentada em um banco, bem afastada do balcão, numa posição que dizia claramente “Na verdade, não estou trabalhando. Obrigada”. Mas Linda ignorou ostensivamente o fato de eu estar livre para atendê-la, preferindo, em vez de falar comigo, ficar na frente de Tracy, que lhe lançou *aquele* olhar e depois outro para mim, como se dissesse: “Ela pode atender você”, mas Linda insistiu em ignorar minha presença. Então, Tracy suspirou e desligou em seguida. Eu sabia que minha amiga adoraria dizer a Linda para enfiar aquela atitude dela num lugar onde não batia sol, mas a *Morrer de Ler* não podia se dar ao luxo de perder uma cliente tão boa em comprar livros quanto em fazer cara de bruxa má. Sendo assim, Tracy recebeu o pagamento pelas compras de Linda, colocou-as numa sacola com toda a educação que podia sem ser, exatamente, simpática, e a entregou para ela, que, na mesma hora, lançou-me seu olhar de despedida, olhar ao qual eu já estava acostumada, mas do qual nunca soube desviar muito bem.

Olhar que dizia: *A tal louca que matou o próprio namorado*.

Ela estava errada, claro. Eu não tinha matado Jason. Eu era apenas a razão pela qual ele estava morto.